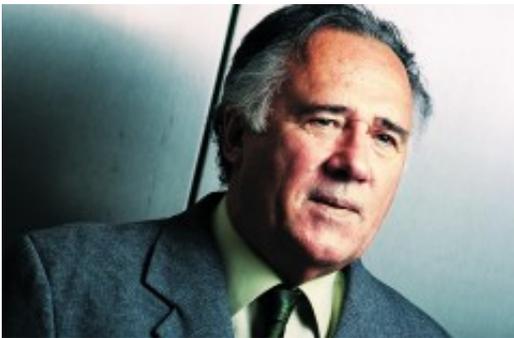


01/08/2017 - 05:00

Parlamentarismo troncho já existe no país, diz historiador

Por **Ricardo Mendonça**

Alencastro: "A dinâmica da eleição presidencial repercute nas de governador, prefeito. Isso estará sempre latente"

Para o historiador Luiz Felipe de Alencastro, que alterna orientação de estudantes na França com aulas na Fundação Getúlio Vargas, o governo Michel Temer promove "um ataque frontal ao Estado de seguridade" - o que ele classifica como golpe - e já vive um "parlamentarismo troncho". Um modelo que voltou a ser discutido, mas que, na sua visão, destoa da dinâmica política do país. A reflexão é permeada por críticas ao papel que passou a ser exercido pelo Judiciário.

Sobre 2018, diz ver sinais de que o "establishment financeiro" ainda não eliminou a hipótese de o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva disputar como "conciliador", mas acha que seria um risco o PT insistir até o fim num projeto que pode ser barrado pela Justiça. Interlocutor de Lula, acha que o petista tem plano alternativo: "O indício [de que será] Haddad já foi feito várias vezes".

Valor: *Na sua opinião, qual é a síntese do governo Temer?*

Luiz Felipe de Alencastro: Um governo de legitimidade derivada, que radicaliza. Apresenta uma plataforma de uma radicalidade que nunca seria aprovada. Nunca ninguém seria eleito com um programa desse: "Vou acabar com a CLT", "vou reduzir reserva indígena", "vou fazer reforma da Previdência", "vou mudar o ensino médio por MP". A coisa mais próxima que existe disso foi o Eduardo Gomes contra Getúlio em 1950. Não deu nem para a saída. É um ataque frontal ao Estado de seguridade social. A forma como Temer chegou à Presidência parece ter criado a condição ideal para avançar essa plataforma ultraconservadora. É isso que, no meu entender, caracteriza um golpe.

Valor: *Quem fala em golpe associa mais a expressão à queda da ex-presidente Dilma.*

Alencastro: Também a maneira controversa de como foi aplicada a saída da Dilma. Agora o Joesley [Batista] disse que a eleição do [Eduardo] Cunha [à presidência da Câmara] foi comprada. E em seguida você tem a implementação de uma política de uma violência social enorme. O povo votou em 2014 num programa que o Temer assinou e registrou no TSE como sendo dele. Não tinha nada a ver com isso. E agora implementa uma coisa que nunca foi discutida, a não ser em círculos muito estreitos do poder. Houve um destampatório de um sonho pós-colonial, pós-escravocrata. Essa frase de que é preciso dar plena flexibilidade nas relações de trabalho, você encontra isso no parlamento da República Velha. Era até uma coisa meio caricatural. No limite, levava à perpetuação do trabalho infantil e até da escravidão, que dava lucro. Se houve progresso social no mundo, foi porque o direito e o avanço da democracia entraram na frente da lógica econômica.

Valor: *Não há protestos de rua, mas Temer bate recorde de impopularidade. Por que é tão impopular?*

Alencastro: Tem o fato de não ter o voto popular. FHC declarou isso em Portugal quando perguntaram. Disse não ter sentido comparar porque Temer não foi eleito. Qual é a legitimidade dele, então? Conforme está na Constituição, a eleição do vice decorre da eleição do presidente. É em consequência da eleição do presidente. A Constituição de 88 até suprimiu uma competência do vice, que era presidir o Senado. Então quando Temer reclama que era só um vice-decorativo, esse é o tipo do cara que não leu o "job prescription". Porque o "job prescription" dele era ser o vice-decorativo mesmo. E, aliás, ele nem foi [decorativo]. Porque indicou muita gente corrupta para postos chaves. Eu escrevi sobre isso em 2009, que ele como vice seria problemático. A legitimidade dele é puramente parlamentar e com o establishment financeiro via [Henrique] Meirelles. Então nós já estamos vivendo um parlamentarismo troncho: um presidente sem voto direto, só com a soberania derivada do reconhecimento tácito do Congresso. E esse regime está mostrando os seus limites. Já é o fiasco do parlamentarismo. Como esse debate está voltando... Essa perspectiva agora de o país passar para o parlamentarismo é o segundo tempo do golpe.

Valor: *Quais são os limites?*

Alencastro: Você tem de utilizar todos os cargos disponíveis. Por exemplo: para ser ministro do exterior, mesmo nos regimes autoritários, era um embaixador. O Itamaraty está cheio de diplomatas conservadores prontos para desfazer a política do [ex-ministro] Celso Amorim e do [ex-assessor] Marco Aurélio Garcia, dizendo que era sul-sul, terceiro-mundista. Mas vai entregar para um embaixador que não te dá um voto no Congresso? Tem que dar para o [José] Serra. Mas o Serra também não queria, ele queria ser ministro dos negócios interiores. Então largou. Aí chama um embaixador? Não. Chama outro senador do PSDB [Aloysio Nunes]. Esse é o parlamentarismo. Tira um cientista do Conselho de Energia Nuclear e põe um cara lá do PMDB do Rio. Vai contaminando. Tudo vira objeto de barganha. Estamos vendo na prática o que seria um governo parlamentar no Brasil.

Valor: *Temer exalta isso, alguns chamam de semiparlamentarismo.*

Alencastro: É um presidente que não pode ir a regiões do país, não pode aparecer por medo de vaia. Foi o 57º deputado em São Paulo 11 anos atrás. O Brasil é um país em que eleição presidencial é o momento da identidade nacional. Sempre tivemos isso. Antes era o imperador, que foi o chefe de Estado que ficou mais tempo. Era um regime autoritário e escravista, mas havia a encarnação de uma identidade. Uma nação ainda jovem sem separatismo. No século 20, isso foi cada vez mais se encarnando no presidente. Eleição presidencial é o momento alto. A campanha da transição foi feita elegendo senadores da oposição em 1974, o posto majoritário mais alto em jogo. A dinâmica que levou à derrubada da ditadura é presidencialista. E tem uma dinâmica de eleição presidencial que repercute nas de governador, prefeito. Isso vai estar sempre latente na política brasileira.

Valor: *O que espera da votação da denúncia contra o Temer?*

Alencastro: O que estou seguindo pelos jornais é que ele está com uma margem muito grande, com esse clientelismo escrachado.

É um presidente de legitimidade derivada, que radicaliza. Ninguém seria eleito com um programa desse. Isso é um golpe

Valor: *É possível que ele consiga se manter mesmo com a maioria votando pela investigação. O que seria o período final desse mandato?*

Alencastro: Tudo é meio subjetivo, mas digo o que acho que não vai acontecer. O que não vai acontecer é impedir a eleição presidencial. Isso mexe com muita gente, desde o prefeito que vai achar que a eleição de governador também estará ameaçada. É uma briga que mexe com muitas pessoas.

Valor: *Mas é incrível o senhor sentir necessidade de reafirmar isso em pleno 2017, não?*

Alencastro: É... É incrível.

Valor: *Como vê a atuação do Judiciário no país?*

Alencastro: Tem uma dimensão da erupção do Judiciário na política. Processos, prisões, interferência através do noticiário. Hoje, o colapso das instituições políticas empurra o Judiciário para linha de frente do combate político. É desgastante, pois o Judiciário não é feito para isso. O Judiciário hoje intervém até no regimento interno da Câmara. Ministros do STF dão opiniões sobre concepções deles para o Brasil. E vai até lá embaixo: juiz de primeira instância que começa a fazer interpretações do país, e de uma maneira muito truncada - aliás, é meio patético isso tudo. Mas, concretamente, isso confunde muito a percepção da política tal como ela foi feita no Brasil por 200 anos. A política no Brasil sempre teve a autoridade local, que dependia de uma oligarquia regional, e o governo central. Agora tem as decisões da Justiça. Às vezes anônimas, às vezes sentenciadas por juízes muito jovens entranhados na mídia.

Valor: *Quais são as manifestações disso que o senhor destaca?*

Alencastro: Determinam uma prisão em pleno Senado de um eleito popular, o Delcídio [do Amaral]. E sem processo, prisão preventiva. Aquilo foi inédito. Como também gravar presidente da República no subsolo. E o fato de a campanha do Lula estar pendente de uma decisão da Justiça sobre a qual ninguém tem muita previsão. Os advogados dele, que aparentemente não têm uma estratégia global de defesa, é defensiva, partem sempre do fato consumado. E houve erros técnicos na decisão do juiz, que o jornal é que descobre. Essa do [desembargador João Pedro] Gebran dizendo que ex-presidentes ainda têm direito a um auxílio. Foi a imprensa que levantou o erro, não foi o advogado. Então eu acho que isso desorienta todas as estratégias políticas.

Valor: *Leu a sentença do juiz Sergio Moro que condena Lula?*

Alencastro: Li. Não sou jurista e o assunto está ainda em julgamento. Na França não se discute ação da Justiça, mas aqui os próprios juízes e procuradores discutem. O procurador Deltan Dallagnol atacou decisão do STF no jornal, o que é surrealista... Achei impressionante. Porque ele não trabalhava sozinho. Tinha uma equipe de procuradores, a PF, intercâmbio com Suíça e outros países, com a Receita. E aí você peneira e não sai do apartamento que não tem título. O que tem é um documento rasurado. E a história do sítio [de Atibaia], que é mais

frágil ainda. Agora, evidentemente, eles têm uma estratégia, que é o desgaste progressivo. Acumulação de denúncias. Mais processos. Inclusive factóides, como dizer que Lula se beneficiou com a piscina feita no Alvorada. Houve um momento em que o Moro falou até em trazer o caso Celso Daniel de volta. Aquilo durou dois dias, mas deu uma capa de revista. Para a classe média, polariza muito.

Valor: *Há noticiário muito negativo para Lula na Lava-Jato, impeachment, derrota do PT em 2016. Como explicar a liderança eleitoral?*

Alencastro: O governo dele foi de criação de emprego e aumento de renda. Distribuição de renda, essencialmente. Perón ficou com prestígio na Argentina até morrer. E a distribuição de renda dele foi muito menor e menos contínua. Lula tem uma empatia popular fascinante. Eu vi ele falar no enterro do Marco Aurélio Garcia. Depois, os funcionários terceirizados da Assembleia Legislativa vieram fazer fotos com ele. E essa intuição do voto que ele tem. Do sujeito que perdeu quatro eleições antes. Então é alguém que conhece o país muito bem.

Valor: *O senhor destacou a plataforma ultraconservadora ou liberal que ascendeu com Temer. Os adeptos aceitariam Lula em 2019?*

Alencastro: Tem um aspecto, que tem um grau de subjetividade grande, mas que acho importante assinalar. Quando Meirelles foi depor Lava-Jato sobre o Lula, era para dizer se ele intervinha no Banco Central. Meirelles foi enfático ao dizer que o Lula nunca interveio nem tentou induzi-lo a fazer atos ilegais. Ora, um homem como Meirelles, neste contexto, se quisesse comprometer um pouco o Lula, ele podia fazer quatro ou cinco frases para comprometer. Do tipo: "eu me senti constrangido várias vezes", "eu não tive ordem escrita, mas insinuações", "eu sentia a pressão", "tive que enfrentar muita cara feia"... Você sabe fazer uma frase dessa para ferrar alguém. Mas ele foi enfático. Garantiu a total neutralidade do Lula, nada inconstitucional ou imoral. O que quer dizer? Como eu li aquilo? Quer dizer que o establishment financeiro não eliminou ainda a possibilidade de Lula ser candidato como uma espécie de grande conciliador no momento de caos nacional.

Valor: *O que representaria dois ou três desembargadores tirarem Lula da eleição de 2018?*

Alencastro: Aí tem de ver. O que vão fazer? Vão prendê-lo? Vão botar em Fernando de Noronha? Se impedir a eleição, ele não estará impedindo de ir em palanque, de falar. Esse é um direito que ninguém perde. A menos que esteja em prisão, precisaria de autorização. Mas os recados podem ser dados antes. Acho que Lula tem uma intuição política e uma experiência muito forte. Ele vai pressentir e, evidentemente, vai avaliar um candidato antes que chegue neste ponto limite. E acho que o indício do [ex-prefeito] Fernando Haddad já foi feito várias vezes.

O establishment financeiro não eliminou ainda a possibilidade de Lula ser candidato como uma espécie de conciliador

Valor: *E se concorrer e ganhar? De 2014 para cá houve esse levante conservador. Tem uma onda de ódio, a questão do judiciário. Em 2002, ele veio com o figurino paz e amor. Mas que condição teria para governar a partir de 2019?*

Alencastro: Pior. O ciclo das commodities foi para o espaço. Seria com a economia adversa. Bom, são outros quinhentos. Acho que tem condição para ganhar. Como vai governar? Depende de muita coisa. Do tipo de mobilização na candidatura, dos resultados das eleições estaduais.

Valor: *Ele sempre dizia que só valeria a pena concorrer à reeleição se fosse para fazer um segundo mandato melhor que o primeiro.*

Alencastro: E conseguiu. Foi melhor mesmo.

Valor: *Mas teria como fazer um terceiro mandato melhor que o segundo? Seria para fazer o quê?*

Alencastro: Uma coisa concreta que ele já apontou é a proposta audaciosa de pegar R\$ 100 bilhões da reserva para fazer investimento. Isso pode suscitar aliança com o empresariado. Outra seria desfazer a PEC do teto, que inviabiliza qualquer Presidência que queira fazer política de distribuição de renda. Os deputados ficariam de acordo imediatamente. Preservar o que der ainda do pré-sal. Porque lá está havendo uma ação muito eficaz de desmontagem. E no momento que o petróleo pode subir e que a Venezuela vai entrar em colapso. Garantir a legislação trabalhista de novo. Desfazer o desmonte já dá um respiro popular grande.

Valor: *O filósofo Rui Fausto disse que torce para Lula ser absolvido, mas acha que o melhor seria não ter Lula candidato. Concorda?*

Alencastro: Ah, não adianta muito, a opinião da gente não pesa. Mas, evidentemente, acho que o próprio Lula acha isso. O Lula, como todo grande líder, tem um problema com a própria sucessão. Ele escolheu a Dilma justamente porque ela não era uma ameaça e deu no que deu. Se ele for cercado de ações judiciais, com o tribunal hostil, ele sabe que não adianta dar soco na ponta de faca. Seria uma coisa muito perigosa o PT não ter candidato ou o Lula insistir numa candidatura que ficasse pendente de um julgamento

Valor: *E o tribunal está hostil?*

Alencastro: Essa última decisão do Gebran mostra nitidamente um viés. Um erro técnico dessa dimensão. Ele disse que ex-presidentes têm um auxílio e estava errado. Então é alguém que já estava predisposto a tomar decisão contrária. E depois nem dá satisfação. Já houve vários recados de que eles vão acelerar o julgamento.

Valor: *Como interpreta o desempenho de Jair Bolsonaro?*

Alencastro: Tinha uma coisa esquisita quando veio a democratização no Brasil: ninguém queria ser chamado de direita. Na França, ser de direita é uma posição louvável. Aqui, a pessoa ficava indignada. De repente, mudou. Temos agora uma extrema-direita. Mas é uma extrema-direita com uma coisa tão descolada da realidade; de fazer frases. Ele tem processos por insulto, agressão, assédio. E queixo de vidro: a primeira pancada, quebra; se descontrola. Mas é um candidato de protesto. Uma espécie de Cacareco. Acontece também nos outros países.

Valor: *Há diferença entre a direita do Brasil e a de outros países?*

Alencastro: A direita aqui pediu golpe. A direita na França quer democracia, porque acha que vai ganhar. A direita lá não é contra o Estado. É a favor, mas só para os franceses. Não quer abolir transporte público, ensino público, subsídio. Esse governo de extrema-direita da Polônia restabeleceu ajuda aos pobres. O que não querem é estrangeiro. Então tem uma coisa contraditória nessas concepções. Já a direita americana é contra o Estado. Aqui, o Bolsonaro não sabe ainda direito. Vai estourando e descosturando conforme o discurso vai avançando.

Valor: *Mas o que espera do desempenho eleitoral do Bolsonaro?*

Alencastro: Não acho que aguento dois turnos. Com todas as proporções guardadas, Marine Le Pen [extrema-direita na França] foi para o debate do segundo turno e perdeu 10 pontos. Depois, a bancada perdeu mais da metade. Porque o despreparo do discurso do ódio fica claro. Não é correto comparar Bolsonaro com Trump. A melhor comparação é com a França, onde um voto é um voto e há dois turnos. No fim, fica um candidato que representa da direita civilizada à extrema-esquerda contra um de extrema-direita.

Valor: *E Ciro Gomes?*

Alencastro: Ele faz maioria dos votos no Ceará, mas é 0,5% do Brasil. E também reage de maneira exaltada a qualquer provocação. Vai ter três por dia. Então é um candidato muito cheio de ciclos. Aliás, é um bom termômetro: ele elogia Lula quando Lula está em má posição, e ataca quando Lula sobe. Agora começou a atacar definitivamente. Disse que vai se lançar mesmo se Lula disputar.

Valor: *Que avaliação faz do prefeito de São Paulo, João Doria?*

Alencastro: Já deu vários passos errados. Essa coisa da Cracolândia, de atacar mendigos. Foi criticado inclusive pelo eleitorado dele. Teve gente que se demitiu na assessoria. Política repressiva assim é ilusão. São Paulo é muito mais sofisticada. Mas eu destaco uma característica, que também é do [Silvio] Berlusconi e do Trump. Doria continua com interesses empresariais. Às vezes até parece que esquece que é prefeito. Citou o Lide no convite de um evento em que foi como prefeito em Nova York. Então pode ser que de repente ele ache que é melhor segurar a empresa dele. Como esse pessoal do Trump. Quando saiu o porta-voz do Trump, o novo disse "espero que ele [o anterior] vá ganhar muito dinheiro". Como se fosse elogio: você passa pelo governo para depois encher o bolso.